

Paraiso: edição revista.

(Para: J.C. Ismael)

Desde quando Genesis foi redigida, nossos conhecimentos se melhoraram. Sabemos agora da localização do paraíso, da vida nele, e quando e porque fomos expulsos. Era espécie de pampa entre as geleiras alpinas e as dos Pirineus, habitada por inúmeros cavalos, bois, mamutes e outros herbívoros, cuja caça (já por si fácil) era ajudada por chacais que levavam a comida praticamente até nossas bocas. O cardápio não se limitava no entanto a entranhas, mas os pratos eram completados por cogumelos, ostras e caramujos. Depois do festim a gente se reunia em cavernas confortáveis em torno de fogueiras que iluminavam pinturas murais grandiosas, para ouvir mitos cantados por bardos. Tal festival "son-et-lumière" durou por dezenas de milhares de anos, até que catástrofe ecológica se abateu sobre a humanidade. O clima esquentou, as geleiras retrocederam, e árvores invadiram o paraíso, transformando-o em floresta. Ora: a floresta é inimiga da humanidade, porque impede que herbívoros grandes se nutram, e torna difícil a caça de herbívoros pequenos. ("Verdes? por favor notem.") A humanidade se viu obrigada a comer grama para não ser extinta.

Tal descrição do paraíso se distingue da primeira edição por dois detalhes: a vida paradisíaca tem, na segunda edição, defeitos mais numerosos que a mera presença da serpente na edição autorizada; e o pecado original não mais é mencionado. Isto merece alguns comentários, por breves que sejam.

A humanidade paradisíaca comia entranhas, mas para chegar até o fígado do boi, via-se obrigada a morder canal através da barriga bovina. Ai verificou que nossa dentadura, herança de humanidade pré-adamítica herbívora, não se presta para comer carne crua. Resolvemos o problema ao fabricarmos dentadura artificial (pedra lascada). Tornamos artistas, e opuzemos artificios à natureza. Mas isto implica que descobrimos que o mundo não é como deve ser (a dentadura não serve), e tal descoberta cria consciência infeliz (o que não convém ao paraíso).

Para lascar pedra é preciso que se chegue a acordo como devem ser dentes e pedras. A fabricação da hardware 'dentadura artificial' pressupõe software programadora e convencionada. Para tanto, os habitantes do paraíso emitiam ondas sonoras, as simbolizaram em fonemas, e organizaram os símbolos fonéticos em sistemas. Isto é: falavam. Ora: comunicação intersubjetiva estabelecadora de programa (de "dever ser") implica que o mundo não tem valor, e que somos nós os que o valorizamos. Os homens se tornaram conscientes do absurdo do mundo, e isto não convém ao paraíso.

A humanidade paradisíaca comia entranhas com cogumelos, mas isto não significa que o "foie truffé" foi servido já pronto. Os machos tinham que correr atrás do fígado, e as fêmeas colhiam trufas. Tal divisão do trabalho persiste (veja-se o "women's lib"), e serve de base às teses marxistas e freudianas. A epistemologia materialista afirma que podemos conhecer apenas o que manipulamos, que portanto os homens conheciam apenas fígados, e as mulheres apenas trufas, e que tais conhecimentos eram intransferíveis. Isto implica que as relações entre os sexos eram tensas, o que a análise freudiana confirma. E isto não convém ao paraíso. Convenhamos que tais três defeitos fazem com que, em comparação, a serpente da edição original se apresenta como bichinho gentil e gostoso.

Em compensação, o fato de o pecado original não aparecer na edição revista do paraíso parece querer abrir horizontes mais otimistas para a vida depois do paraíso. Infelizmente tal interpretação se revela errada. Quando a floresta irrompeu no paraíso, mostramos que tipo de bichos somos; podemos fazer face a catástrofes, ao manipularmos o mundo afim de nos tornarmos, nos próprios, outros. Podemos humanizar a natureza, afim de nos naturalizarmos. No caso; passamos a queimar árvores, abrir clareiras artificiais, e nelas plantar artificialmente grama. Transformamos a floresta em campo, e nos próprios de caçadores em camponeses. Ora; tal série de artificios tem aparência mais otimista que afirmar (como o faz a edição autorizada) que cometemos pecado e fomos castigados. Mas a aparência engana.

Afim de podermos comer grama emvez de entranhas (pizza emvez de foie truffé), devemos inserir sementes de grama no campo, e depois sentar-nos e esperar até que a grama vingue. Devemos cuidar da grama, porque animais ou outros homens poderiam destruir nossa obra de arte (a "agricultura"). Comedores de pizza são necessariamente sedentários, para defenderem sua propriedade. E resultado disto é a guerra. Acresce que grama, para crescer, exige água, de maneira que melhor é plantar na vizinhança de rio. Ora rios podemos secar ou inundar, de forma que devem ser canalizados. Isto exige previsão; alguém deve subir colina ("tell") para supervisionar a corrente. Tal supervisor ("big man") se transformará com o tempo em sacerdote, rei, deus, o que resultará em governo, leis, policia e impostos sobre a renda. A triste historia da humanidade civilizada decorre da pizza: a lenta decadência do paleolítico, pelo neolítico, bronze e ferro, até a pos-industria da atualidade. O pecado original permite sermos salvos, mas nenhuma salvação do progresso está em vista.

Não resta dúvida: nossos conhecimentos atuais exigem que a historia do paraíso seja re-editada. Mas será que nossos conhecimentos atuais são "melhores"?